

Dificuldades de aprendizagem e inclusão escolar: teorias e práticas contemporâneas em debate

Learning difficulties and school inclusion: contemporary theories and practices under debate

Adriano Rosa da Silva

URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>

Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Especialista em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem (UFRJ).

RESUMO

O tema central do presente estudo é destacar aspectos teóricos e práticos acerca das dificuldades específicas de aprendizagem escolar, como um fenômeno pluricausal, numa perspectiva interdisciplinar, tendo como objetivo conhecer como acontece a construção dos conhecimentos de leitura e escrita, bem como o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático pela criança. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa descritiva, o que possibilitou chegar a resultados acerca de como explorar estratégias e práticas pedagógicas inclusivas com vistas ao atendimento escolar dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizado. Foram levantados apontamentos no sentido de caracterizar quatro dificuldades específicas de aprendizagem, dentre as mais recorrentemente encontradas na literatura: dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia. Dessa forma, partiu-se das contribuições das teorias científicas atinentes a essa área, observando-se, assim, o atual estado da arte das pesquisas sobre o assunto, ao revisitar ou revisar pesquisas e discussões já publicadas sobre o tema. Para fundamentar essas questões, buscou-se o referencial teórico de autores que problematizam essa temática.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem; Inclusão escolar; Prática pedagógica.

ABSTRACT

The central theme of this study is to highlight theoretical and practical aspects of specific learning difficulties at school, as a multi-causal phenomenon, from an interdisciplinary perspective, with the aim of understanding how the construction of reading and writing knowledge occurs, as well as the development of logical mathematical reasoning by children. The methodology adopted was descriptive qualitative research, which made it possible to reach results on how to explore inclusive pedagogical strategies and practices with a view to providing school support to students with learning difficulties. Notes were raised in order to characterize four specific learning difficulties, among those most frequently found in the literature: dyslexia, dysgraphia, dysorthography and dyscalculia. Thus, the contributions of scientific theories related to this area were used as a starting point, observing the current state of the art of research on the subject, by revisiting or reviewing research and discussions already published on the subject. To support these questions, the theoretical framework of authors who problematize this theme was sought.

Keywords: Learning difficulties; School inclusion; Pedagogical practice.

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente, faz-se necessário compreender que as dificuldades de aprendizagem se referem a um distúrbio que pode ser gerado por uma série de problemas cognitivos ou emocionais que podem afetar qualquer área do desempenho escolar, assim, a dificuldade de aprendizagem refere-se a uma gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho da criança. Nesse prisma, muitos aspectos diferentes podem prejudicar o funcionamento cerebral e os problemas psicológicos dessas crianças geralmente são complicados. Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo precípuo discutir os desafios e as possíveis práticas inclusivas no cenário educacional brasileiro, destacando-se, para fins de delimitação e análise, quatro dificuldades de aprendizagem, dislexia, disgrafia, discalculia e disortografia.

A educação na perspectiva inclusiva exige certas mudanças no processo de ensino-aprendizagem, principalmente por se deparar com inúmeras barreiras de toda ordem políticas, sociais, econômicas e mesmo culturais. Nesse prisma, o processo de inclusão dos alunos com dificuldades específicas, transtornos e/ou distúrbios apresenta-se como um desafio, cabendo aos professores serem os facilitadores e mediadores do processo de aprendizagem dos educandos, devendo, pois, ser os promotores de novas propostas de ensino, mais inclusivas (ROCHA, 2017). A partir desse horizonte analítico, Fernández (1991, p. 47) assevera que, para aprender, necessitam-se dois personagens, um ensinante e outro aprendente e um vínculo que se estabelece entre ambos.

Por certo, essas considerações são relevantes, pois este estudo trata dessas dificuldades específicas de aprendizagem por que passam as crianças em idade pré-escolar, com ênfase nas dificuldades mais recorrentemente encontradas na literatura técnica, conforme retromencionado. Sobre isso, Correia (2008) ressalta que as dificuldades de aprendizagem dizem respeito à maneira como a criança processa a informação, levando-se em conta as suas capacidades e realizações. Assim, as dificuldades de aprendizagem específicas podem se manifestar nas áreas da fala, leitura, escrita, matemática, ou resolução de problemas, envolvendo problemas motores, perceptivos, de linguagem, pensamento, memória ou metacognitivos.

2 MARCO TEÓRICO

Cabe ressaltar que não tem causa única que determine as dificuldades de aprendizagem, mas há uma conjunção de fatores que agem frente a uma predisposição da criança, é, pois, um fenômeno causado por múltiplos fatores. De modo que uma temática tão vasta, relevante e complexa necessita de maiores discussões no âmbito político, social e acadêmico. Nesse prisma, alguns estudiosos enfatizam aspectos afetivos, outros preferem apontar aspectos perceptivos, muitos ainda justificam esse quadro alegando existir imaturidade no sistema nervoso. Tornando-se patente que a não identificação e intervenção precoce nas dificuldades específicas de aprendizado pode levar o indivíduo a apresentar dificuldades significativas ao longo da vida.

Nesta via, acredita-se que as dificuldades de aprendizagem surgem, por exemplo, a partir de fatores sociais, os quais são problemas que se originam no meio social e econômico do indivíduo, como mudanças repentinas de escola, de cidade, separação dos pais, falta de interação social, envolvimento com drogas, desorganização familiar e emocional. Levando, dessa forma, a um fraco alcance de atenção, em que a criança se distrai com facilidade, perde o interesse e pode deixar trabalhos inacabados.

Além disso, pode apresentar dificuldade com a linguagem, aquisição lenta de vocabulário, dificuldade em seguir instruções orais, problemas com soletração e escrita, dificuldade de argumentar. Assim também, devido à distração, a criança pode perder a lição ou mesmo objetos seus já com a falta de motricidade, a criança parece desajeitada e sem coordenação. Nessa direção, Bee (2011) ressalta que

Algumas crianças com QIs normais e funcionamento adaptativo essencialmente bom não obstante têm dificuldades para aprender a ler, escrever ou fazer cálculos. O rótulo típico para esse problema é transtorno de aprendizagem – um termo amplamente usado para descrever um problema inesperado ou inexplicado na aprendizagem da leitura, ortografia ou cálculo e mais precisamente usado para se referir a uma disfunção neurológica que causa esses efeitos. (BEE, 2011, p. 439).

Numa perspectiva orgânica, segundo a autora em tela, as dificuldades de aprendizagem são as desordens neurológicas que interferem com a recepção, integração ou expressão de informação, caracterizando-se por uma disparidade entre o potencial esperado do aluno e a sua realização escolar. Nesse ângulo, Valle (2008) aponta que os distúrbios de aprendizagem são inabilidades específicas em razão de comprometimento que acomete a criança ao se processar e interligar informações e respostas nas várias regiões do cérebro,

bem como no tocante à percepção e às conexões nervosas que interligam diversas regiões cerebrais e as relacionam com a memória e com as sensações afetivas e motoras.

Nessa ótica, as dificuldades de aprendizagem referem-se a um conjunto de problemas que podem afetar alguma área do desempenho acadêmico. Podendo interferir em habilidades e no rendimento dos alunos, os quais enfrentam entraves ou obstáculos no contexto escolar. A partir da pré-escola e durante todo o trajeto escolar é possível identificar os sintomas de dificuldades de aprendizagem específicas na criança, contudo, ter dificuldade de aprendizado não significa que ela não gosta de estudar. De sorte que contornar essas dificuldades requer estratégias de ensino adequadas e profissionais capacitados, sendo fundamental a parceria com a família. Com efeito, Fernández (2001, p. 62) afirma que diferentes instâncias, situações e pessoas cumprem uma função docente.

Isto posto, em consonância com Moysés (1994), cabe aos professores aliar a competência técnico-pedagógica a um grande empenho em dar o melhor de si com o fito de os alunos aprenderem de forma rica e significativa, sobretudo quando têm de ensinar àqueles rotulados como “os que não têm mais jeito”. Vale salientar que nesse processo de desenvolvimento e superação do aluno com dificuldades de aprendizado, o professor tem papel fundamental e deve contribuir para formar seres humanos capazes de fazer diferença no mundo. Assim, é mais frutífera a prática docente que reconhece e desenvolve as competências e conhecimentos do aluno, valorizando suas habilidades.

Para tanto, de acordo com Cury (2003), é necessário que o professor adote em sala de aula uma abordagem mais inclusiva com estratégias e instrumentos que atinja as necessidades específicas do aluno, sobretudo quando apresentam dificuldades, no intuito de desenvolver nele a sabedoria, a sensibilidade, a afetividade, a serenidade, o amor pela vida, a capacidade de falar ao coração e de influenciar as pessoas, entre outros aspectos. É inatacável considerar que estratégias pedagógicas inclusivas são válidas, visando tornar as aulas mais motivacionais e dinâmicas, não rotulando o discente, mas dando oportunidade de o aluno descobrir e desenvolver suas potencialidades, considerando seu nível real de conhecimento e possibilitando-os aprender no seu ritmo próprio, para tanto, adequando o ensino às características de cada aluno, isto é, levando-se em conta as suas características cognitivas e pessoais, pois cada indivíduo é único e traz consigo histórias de vida diferentes.

Usando de flexibilidade no planejamento quando necessário, desenvolvendo-se estratégias que facilitem a aprendizagem dos alunos nas áreas de atenção, concentração,

autoestima, competências interpessoais, motivação, fala e linguagem, sequenciação visual e auditiva, memória, sentido, direção, espaço, competência viso-motora, organização, interação, reflexão e raciocínio lógico matemático. Dessa forma, é preciso que o docente proponha atividades diferentes, criativas, fascinantes e motivadoras, em busca de alternativas e soluções que facilitem a aprendizagem dos alunos, auxiliando-os, sendo o mediador no que a criança ainda não sabe fazer sozinha, mas que será capaz de realizar por conta própria.

Nessa linha de interpretação, é imperioso concordar com Tiriba (2005) quando afirma que a ação conjunta dos educadores e demais membros da escola é essencial para garantir que o cuidar e o educar aconteçam de forma integrada, visto que, não é possível educar descuidando da criança em suas particularidades, desconsiderando-a tal como se apresenta na sala de aula, tal como se comporta. Do mesmo modo, o processo educacional é essencial e primordialmente uma ação de cuidado. Em vista disso, torna-se necessária uma parceria de todos para o bem-estar do educando, com a adoção de orientações e práticas pedagógicas apropriadas.

A partir do exposto, percebe-se que o educar e o cuidar se complementam, assim, à medida que devam ser desenvolvidas atividades lúdicas de alfabetização e letramento, numa perspectiva individualizada, visando ao desenvolvimento integral das crianças do pré-escolar, o que caracteriza o educar, ao mesmo tempo, atitudes de zelo e atenção aos pequeninos também precisam ser realizadas a cada um deles especificamente, com bastante frequência, no cotidiano. O que demonstra que educar e cuidar são ações que atendem as necessidades individuais e que, portanto, devem estar em consonância na educação, sendo necessário introduzir mudanças tanto nas escolas especiais como nas regulares (AINSCOW, 1995, p. 18).

Nesse particular, é extremamente importante que pais e professores estejam em constante comunicação. É importante também perceber a relevância de a escola encontrar meios para se integrar à família, buscando solucionar as dificuldades de aprendizagem na educação infantil juntos, escola e família, de modo que a parceria família e escola é um fator fundamental na prevenção do fracasso escolar, visto que as dificuldades de aprendizagem interferem no rendimento escolar do aluno, como já foi dito. É preciso, pois, criar um espaço de sala de aula harmonioso, agradável e favorável à

aprendizagem de todas as crianças, estabelecendo conexão entre os conteúdos, relacionando o aluno já aprendeu e o que está aprendendo¹.

Geralmente o aluno com dificuldade de aprendizagem se sente rejeitado pelos colegas, por isso, os profissionais da educação têm papel importante na identificação e descoberta desses problemas, de modo que ao observar o aluno e auxiliar seu processo de aprendizagem, o tratamento mais propício visa corrigir e amenizar sintomas, bem como resgatar a autoestima, valorizando a criatividade, a espontaneidade e a interatividade, tendo por escopo proporcionar qualidade de vida e autonomia para que a criança crie estratégias que possibilitem o sucesso em suas tarefas, as quais antes seriam extremamente difíceis.

Nesse sentido, o campo da educação na perspectiva inclusiva pode oferecer contribuição à educação na solução deste problema, pois uma vida saudável e normal é totalmente possível àqueles que são diagnosticados como tendo algum tipo de distúrbio de aprendizagem. De modo que a dedicação, o respeito, a mediação, a troca e o afeto são elementos fundamentais na educação das crianças, com isso, a aprendizagem é construída através de um conjunto de situações que envolvem cuidados da família e atividades orientadas pelos professores, formando um todo significativo no processo integral de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Contudo, observa-se que há, historicamente, pouco avanço no âmbito das políticas públicas de inclusão escolar.

Em resumo, para tratar dessas questões cada vez mais presentes na atualidade, este estudo foi dividido em quatro partes, no sentido de caracterizar os tipos de dificuldades específicas de aprendizagem, abordando a dislexia, a disgrafia, a disortografia e a discalculia, sem desconsiderar os demais distúrbios possíveis. Neste viés, procedeu-se à divisão metodológica do trabalho para fins de estudo, isto é, no intuito de contribuir para um melhor entendimento do objeto investigado.

2.1 Um olhar sobre a Dislexia

A fim de caracterizar que, atualmente, as necessidades dos alunos com dificuldades de aprendizagem específicas estão cada vez mais presentes, os tipos de deficiências de aprendizagens que mais tendem a causar problemas são aqueles que afetam, entre outros

¹ Dizer que a criança deve construir seu próprio conhecimento não implica que o professor fique sentado, se omita e deixe a criança inteiramente só. O professor pode criar um ambiente no qual a criança tenha um papel importante e a possibilidade de decidir sobre si mesma como desempenhar a responsabilidade que aceitou livremente (KAMII, 2002, p.50).

aspectos, a percepção visual, o processamento da linguagem, as habilidades motoras finas e a capacidade de focalizar a atenção. Nesta via, a criança que apresenta dificuldades na aprendizagem, em sua maioria, apresenta diversos sintomas, como perda de iniciativa, ansiedade, bem como dificuldades de relacionamento interpessoal, assim, impactando significativamente diferentes âmbitos da vida.

Isto posto, um dos tipos de transtorno de aprendizagem que é abordado nesse estudo é a Dislexia, sendo um distúrbio específico da leitura e pode ocorrer em diferentes graus: leve, moderado e severo. Sendo, pois, uma dificuldade na correspondência entre símbolos gráficos mal reconhecidos e fonemas mal identificados. Ela impede o aluno de ser um leitor fluente, pois faz trocas ou omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, dá pulos de linha ao ler um texto, confusão de letras assimétricas, inversão de sílabas, omissões de grafemas e sílabas, entre outras características. Sobre isso, Soares (2001) afirma que é necessário incorporar a prática da leitura e da escrita nas atividades que demandam essas práticas.

Nessa linha, essa dificuldade na leitura de palavras tem origem neurobiológica e afeta a aprendizagem e utilização instrumental da leitura, resultando em problemas ao nível da consciência fonológica, isto é, na tomada de consciência de que as palavras faladas e escritas são constituídas por fonemas. Caracteriza-se por um comprometimento no mecanismo da leitura, podendo se refletir na expressão escrita. É uma dificuldade de decodificar o estímulo escrito ou símbolo gráfico, que pode ser observada independente do quociente de inteligência dos indivíduos. De modo que alguns sinais da dislexia em crianças podem ser percebidos mesmo na pré-escola.

A criança disléxica pode apresentar características como dificuldade em selecionar palavras adequadas para se comunicar, tanto a nível oral, como escrito, pobreza de vocabulário, dificuldade na articulação de ideias, faz soletração defeituosa, perde a linha de leitura, apresenta problemas de compreensão semântica na interpretação de textos, confunde, invertem e substituem letras, sílabas ou palavras, além disso, pode apresentar dificuldades com a matemática e com a destreza manual, podendo estar associada às outras dificuldades de aprendizagem específicas.

Neste viés, dependendo do grau de gravidade do distúrbio, compromete a capacidade de ler e escrever com fluência e correção para entender um texto, em diferentes graus não conseguem associar os fonemas às letras, de modo geral apresentam dificuldade para ler, escrever e soletrar, entendimento do texto escrito. O tratamento, em geral

multiprofissional, pressupõe um processo longo que demanda persistência, pois os disléxicos podem se sentir inferiorizados na escola pela maior dificuldade em aprender. Nesse prisma, devem-se evitar questões longas e complicadas no momento da avaliação da aprendizagem, pois a criança poderá demorar mais tempo tentando compreender a pergunta do que a dar a resposta.

Nesse sentido, levar o aluno que apresenta a dislexia a refletir e buscar se desenvolver nos âmbitos educacional, cultural e pessoal é uma das tarefas fundamentais da educação. Tendo em vista que as crianças com dificuldade de aprendizagem além de terem baixo desempenho acadêmico, podem desenvolver sentimentos de baixa estima e inferioridade. Sendo importante o docente planejar atividades direcionadas às dificuldades específicas do aluno, com vistas a superar os erros frequentes. A esse respeito, Paín (1992) assevera que a criança é um ser em evolução, de maneira que urge a superação do sintoma, haja vista que está em jogo o seu destino. Sobre isso, encontrei também contribuição importante noutro lugar.

Nós somos humanos porque aprendemos a ser. Nascemos carentes de instintos, frágeis, desadaptados ao meio, porém potentes de possibilidades. Essa conjunção é uma das fontes onde bebe a inteligência humana, pois a carência de que padecemos não é de atividade nem de potência criativa. Precisamos que outro humano nos receba, nos queira e reconheça como um deles, mesmo não sendo objeto passivo do outro que nos atende. (FERNÁNDEZ, 2012, p.225).

Dado o exposto, o aluno com o transtorno da dislexia como um ser em evolução tem potencial para a aprendizagem, para tanto precisa ver sentido no que aprende na escola, os conteúdos devem fazer parte de sua vivência, do seu cotidiano e realidade. À vista disso, o professor é o mediador entre as relações da criança e o universo social onde interage, possibilitando a construção de condições para que possa desenvolver suas capacidades relacionadas aos aspectos cognitivo, afetivo-social e psicomotor, levando-o a superar as suas dificuldades, sendo um desafio para a escola e educadores transformar alunos com dificuldades de aprendizado em alunos motivados. Para Moraes (1997, p.4), essas atividades que promovem o fazer dos alunos são uma forma concreta deles exercerem suas ações de modo significativo e construtivo e não apenas desenvolverem a inteligência por meio de um simples registro de observações.

Nessa ótica, o papel do educador para que os alunos com dificuldades de aprendizagem superem seus limites é indagar, questionar e problematizar, ressaltando o que eles podem fazer, pois desde bem pequenas as crianças com distúrbio de dislexia apresentam atitudes de interesse em descobrir o mundo que as cerca, elas são curiosas, investigativas e querem respostas a seus porquês, o trabalho do educador é estimular e orientar as

experiências por elas vivenciadas e trazidas do contexto extraescolar, para que construam seus próprios conhecimentos de forma autônoma e, assim, levantem suas hipóteses sobre a realidade no seu entorno.

2.2 Um olhar sobre a Disgrafia

É possível serem encontradas crianças cujo rendimento escolar encontra-se empobrecido frente ao esperado por seus pais e professores, sobretudo no que tange à expressão escrita, devido às dificuldades de aprendizagem, nesse aspecto, o fraco desempenho representa o ponto de partida para o diagnóstico da dificuldade ou do transtorno de aprender. Assim, considera-se dificuldade de aprendizagem específica de escrita, disgrafia, aquela apresentada ou percebida quando a criança escreve as respostas de suas tarefas escolares, a fim de exemplificar. De maneira que o conceito é abrangente e inclui problemas decorrentes de características próprias do indivíduo ou de influências ambientais.

Nessa ótica, a disgrafia é o transtorno da escrita, caracterizada por problemas na linguagem escrita, pode inclusive surgir nas crianças com adequado desenvolvimento emocional e afetivo, onde não existem problemas de lesão cerebral ou mesmo lesões sensoriais. Esses indivíduos são erroneamente classificados como tendo baixa inteligência ou mesmo incapazes, sendo o distúrbio confundido por pais e professores como uma desatenção em sala de aula. O que torna necessário elogiar as produções do aluno, especialmente quando escreve corretamente, trabalhando a afetividade e a autoestima. Neste particular, é relevante o aporte trazido por Fernández (1991), sobretudo ao destacar que

o problema de aprendizagem que constitui um “sintoma” ou uma “inibição” toma forma em um indivíduo, afetando a dinâmica de articulação entre os níveis de inteligência, o desejo, o organismo e o corpo, redundando em um aprisionamento da inteligência e da corporeidade por parte da estrutura simbólica inconsciente. (FERNÁNDEZ, 1991, p.82).

As causas da disgrafia podem ser relacionadas a perturbações de lateralidade e de eficiência psicomotora, envolvendo motricidade e equilíbrio, caracterizado por crianças desajeitadas do ponto de vista motor, com escrita irregular ao nível da pressão, velocidade e traçado, bem como perturbações perceptivo-motoras, na estruturação, orientação espacial e interiorização do esquema corporal. Assim também, fatores da personalidade e

psicoafetivos podem determinar o aspecto do grafismo, pois o sujeito reflete na escrita o seu estado e tensão emocionais. Estratégias como a observação de cadernos com ditados e textos espontâneos auxiliam na detecção da incidência dos erros.

Já as causas pedagógicas podem estar associadas a ensino rígido e inflexível, como mudança inadequada de letra de imprensa para letra manuscrita ou ênfase excessiva na qualidade e rapidez da escrita, a fim de exemplificar. Outras causas podem ser os distúrbios na motricidade ampla e fina, falta de coordenação entre o que a criança propõe fazer e o que realiza. Além de distúrbios na coordenação visomotora, entendido como a dificuldade no acompanhamento visual do movimento dos membros superiores e inferiores, ou deficiência na organização temporoespacial ou ainda problemas na lateralidade e na dominância manual.

Vale destacar que, muitas vezes, a dificuldade de aprendizagem deixa os alunos paralisados diante do processo educativo, rotulados pela própria família, profissionais da educação e colegas. Geralmente as crianças que apresentam essa dificuldade no tocante à escrita das palavras são desmotivadas com as tarefas escolares, possuindo sentimento de incapacidade e frustração. Contudo, a dificuldade de aprendizagem é diferente de falta de vontade de realizar as tarefas escolares, por esse motivo, é importante que os profissionais os quais atuem com as crianças pequenas estejam atentos para essas dificuldades, com o objetivo de ajudá-las para a obtenção de resultados concretos.

Sobre isso, Carraher (2002) aponta que quando o aluno dá a sua resposta mesmo que errada ele está de fato pensando e, muitas vezes, até pensando bem. Não se deve deixar de elogiar a criança pelo seu esforço, visando estimulá-la, reforço positivo da caligrafia da criança. Nesse sentido, uma criança em processo de aprendizagem da escrita apresenta naturalmente dificuldades no traçado das letras, deve ter orientações necessárias para realizar a escrita adequadamente, evitando-se a permanência de traçados incorretos, que poderão evoluir para um quadro de disgrafia, ou seja, apresentando uma escrita alterada. Nessa medida, em consonância com Ferreiro (2001, p. 17) é preciso que o professor valorize as produções espontâneas realizadas pelos alunos, pois, são essas atividades que indicam de modo mais claro as explorações deles para compreender a natureza escrita, sendo esse percurso algo muito valioso que precisa ser interpretado e avaliado. Assim, para essa autora, como o aluno é o ponto de referência para a estruturação das atividades de ensino que se desenvolvem na sala de aula, sendo, portanto, o sujeito da aprendizagem,

o conhecimento que ele produz, com seus erros e acertos, deve ser considerado em sua prática pedagógica.

Sendo, pois, um problema que afeta a qualidade da escrita do sujeito, no que tange ao traçado ou à grafia, de maneira que a criança apresenta uma escrita desviante em relação ao padrão, isto é, caligrafia deficiente, letras pouco diferenciadas, mal elaboradas e mal proporcionadas. A Disgrafia como uma deficiência na habilidade de escrever primeiramente em termos de caligrafia, mas também em termos de coerência. De modo que o sujeito frequentemente apresenta uma letra com garranchos. Ocorre da incapacidade de recordar a grafia da letra, ou seja, tentar lembrar o grafismo ou de não conseguir fazer relação entre o sistema simbólico e as grafias que representam sons e letras, palavras e frases.

As crianças com dificuldades de aprendizagem sofrem uma combinação de fatores em que suas fraquezas são mais pronunciadas e estão nas áreas que mais tendem a interferir na aquisição de habilidades básicas de leitura, matemática ou escrita. A criança com disgrafia pode apresentar letra excessivamente grande ou pequena; forma das letras irreconhecível; traçado exagerado e grosso ou demasiado suave e imperceptível; grafismo trêmulo ou com uma marcada irregularidade, originando variações nos tamanhos dos grafemas; escrita demasiado rápida ou lenta; espaçamento irregular das letras ou das palavras; poderão ainda demonstrar outros comportamentos associados às outras dificuldades de aprendizagem específicas.

2.3 Um olhar sobre a Disortografia

À luz da literatura especializada, a disortografia é uma dificuldade de escrita que afeta a aprendizagem, sobretudo no tocante à representação ortográfica das palavras (BARBEIRO, 2007, p. 118). Embora muitas vezes associada à dislexia, a disortografia se distingue como um transtorno de aprendizagem específico que se manifesta em erros ortográficos recorrentes, além de outras características que comprometem a qualidade da escrita e estruturação de suas ideias. Assim, a disortografia se manifesta em erros ortográficos recorrentes, além de outras características que comprometem a qualidade da escrita. Dentre as principais dificuldades, segundo Barbeiro (2007), destacam-se a troca de letras e palavras, a desorganização textual, dificuldades de leitura, escrita, interpretação e memorização.

Nesse esquadro, Sampaio (2009, p. 129), em seus estudos, detalha alguns exemplos que podem ocorrer quando se apresenta essa dificuldade, como as trocas de letras semelhantes, a confusão de sílabas, adições e omissões de letras, fragmentações e inversões e junções de palavras. Além dos erros ortográficos, indivíduos com disortografia podem apresentar frases incompletas, mal estruturadas e mal pontuadas, com falta de elementos essenciais para a compreensão, além da repetição de palavras e o vocabulário reduzido. A falta de consciência sobre a sua própria produção textual também é comum. Sendo importante tanto gestores quanto professores reconhecerem os desafios que a disortografia impõe ao processo de ensino-aprendizagem.

A intervenção na disortografia deve considerar a faixa etária e a escolaridade do aluno. Nesta via, como a disortografia pode se manifestar de diferentes formas, Barbeiro (2007) a divide em três tipos principais, são eles, a disortografia fonológica, isto é, dificuldades com o processamento fonológico na escrita de palavras, com os sons da linguagem e na correspondência grafema/fonema; a disortografia superficial, a qual se refere aos problemas ortográficos causados pela dificuldade em reconhecer e processar formas visuais das palavras, não acessando sua memória de longo prazo; e a disortografia mista, que se caracteriza por apresentar problemas relacionados à aplicação de regras ortográficas, à escrita, à via fonológica e à fonética.

Além dessas classificações, Torres e Fernández (2002, p. 86) elencam sete tipos de disortografia, cada um com características específicas, a saber, a disortografia temporal, a disortografia perceptivo-cenestésica, a disortografia cinética, a disortografia visuoespacial, a disortografia dinâmica, a disortografia semântica e a disortografia cultural. Sem desconsiderar que a disortografia não é uma doença, mas sim uma condição específica que pode ser superada pela ação dos próprios sujeitos, sendo muito favorecida quando há o acompanhamento adequado e direcionado pelos profissionais na escola. A identificação precoce da disortografia, nesse sentido, pode permitir que as medidas adequadas sejam tomadas.

Dada a constante transformação do processo educativo hoje, os professores precisam cada vez mais se basear em práticas inclusivas que valorizem a heterogeneidade, atentos às dificuldades encontradas em sala de aula. Assim, para Zorzi (2008), a avaliação da ortografia deve fornecer informações sobre o nível ortográfico da criança, indicando as dificuldades ortográficas e os erros mais frequentes, visando aprimorar a escrita. Nessa direção, Sánches-Cano e Bonals (2010, p. 306) enfatizam que há instrumentos que se

mostram mais eficazes na avaliação da competência ortográfica, permitindo-se observar a transcrição do código auditivo para o gráfico, a separação correta das palavras e o grau de assimilação das normas ortográficas.

Nesse contexto, a figura do professor é de suma importância para concretizar uma educação mais inclusiva na sua tarefa de ensinar. Por meio de práticas fundamentadas, esse profissional pode dar suporte aos educandos, desenvolvendo meios e estratégias que favoreçam sobremaneira a aprendizagem de indivíduos com dificuldades. O professor pode identificar a persistência de erros ortográficos além do esperado para o estágio de desenvolvimento em que o educando se encontra. É fundamental, pois, que o professor encare as dificuldades do aluno como um desafio constante. Nesse sentido, o fazer pedagógico pautado na inclusão é uma ferramenta poderosa para interferir positivamente no desenvolvimento integral dos alunos, desempenhando um papel fundamental de mediação da aprendizagem nesse processo.

2.4 Um olhar sobre a Discalculia

É importante considerar que múltiplos fatores contribuem para as dificuldades de aprendizagem das crianças em idade pré-escolar, de sorte que, recentemente, muitas pesquisas investigam as causas das dificuldades de aprendizagem. Neste viés, acredita-se na presença de uma disfunção neurológica, que pode envolver o emocional, lesões específicas do cérebro, alterações no desenvolvimento cerebral, fatores hereditários ou disfunções químicas. Assim, interessa observar que as dificuldades e os transtornos de aprendizagem que se apresentam na infância têm sempre forte impacto sobre a vida da criança e de sua família, pelos prejuízos sociais que acarretam e a todas as áreas do desenvolvimento pessoal.

Segundo Kamii (2002) a participação mental ativa e autônoma é fundamental para a aprendizagem, sobretudo em situações diárias de sala de aula e nos jogos em grupo. Nessa direção, o meio social em que vive pode estar excluindo-a e assim prejudicando o seu desenvolvimento, pode, a título de exemplo, se sentir subestimada por não alcançar o resultado esperado por pais e professores, nessa medida, esse fracasso afeta o ser em todas as suas dimensões, a pessoal e a social. Entre esses transtornos destaca-se a discalculia, como sendo uma dificuldade concernente ao desenvolvimento do raciocínio lógico matemático.

Em face ao exposto, os cientistas procuram ainda compreender as causas da discalculia, há indicações de que seja um problema congênito ou hereditário, com contexto neurológico, a discalculia não tem especificamente uma única causa, mas um conjunto delas, sendo que a discalculia pode, a título de exemplo, ser observada em indivíduos cuja inteligência é normal, não apresentam deficiência auditiva, visual ou física, mas que falham no raciocínio lógico matemático, o qual se apresenta inferior à média esperada para sua idade cronológica, capacidade intelectual e nível de escolaridade². Consoante com essa perspectiva, Fernández (2001) expõe que

A problemática da aprendizagem é uma realidade alienante e imobilizadora que pode apresentar-se tanto individual quanto coletivamente. Em sua produção intervêm fatores que dizem respeito ao socioeconômico, ao educacional, ao emocional, ao intelectual, ao orgânico e ao corporal. (FERNÁNDEZ, 2001, p.26).

Nessa medida, as crianças que possuem este distúrbio de aprendizagem, de um modo geral, não identificam os sinais das quatro operações e não sabem usá-los, bem como não entendem enunciados de problemas, sistemas de medidas. Nesse ponto, para Kamii (2002) “a diferença é uma relação criada mentalmente pelo indivíduo quando relaciona dois ou mais objetos” (p. 14). Diante disso, a criança com essa dificuldade específica de aprendizado deve se sentir segura, acolhida, estimulada para que descubra que é capaz de aprender. A esse respeito, Valle (2008) sublinha a importância de se levar em conta o ritmo de cada criança em seu processo de aprendizagem, visto que cada uma delas tem características que lhe são particulares.

Em linhas gerais, cabe ressaltar que o transtorno da discalculia afeta a construção dos conhecimentos matemáticos pelas crianças em seu processo de aprendizagem, são dificuldades na conservação da quantidade, sequencialização numérica e ordenação de fatos. É a dificuldade para cálculo e números. Problemas específicos relacionados aos conhecimentos matemáticos atingem tanto crianças quanto adultos. Pode ser detectada nas crianças pequenas e medidas podem ser tomadas para enfrentar esse problema no processo de escolarização. A intervenção do professor perpassa a avaliação das atividades em sala, complementada por observação direcionada ao comportamento e atitudes do aluno.

É necessário compreender que o problema pode ser o modo como a matemática é ensinada, de modo que a metodologia desenvolvida pelo professor pode ser de difícil

² A inteligência lógico matemática manifesta-se pela capacidade e sensibilidade para discernir padrões lógicos ou numéricos e a capacidade de trabalhar com longas cadeias de raciocínio (ANTUNES, 2009, p. 17).

entendimento pela criança. O conhecimento matemático vai além do ensino de cálculos. O tangram é uma sugestão de atividade que propicia uma situação-problema para tratamento do discalculico. Nessa perspectiva, a discalculia é uma disfunção neuropsicológica que interfere na aprendizagem da aritmética e gera dificuldades para lidar com cálculos e tudo que envolve sequência lógica.

Desse modo, é interessante observar, a partir dessa base teórica, que o discalculico apresenta dificuldade de aprendizagem específica da matemática, para executar operações matemáticas, desordem neurológica específica afeta a habilidade de uma pessoa entender e manipular números, inabilidade de executar operações matemáticas ou aritméticas, inabilidade em conceituar números como conceito abstrato de quantidades comparativas. Uma alternativa de intervenção é a utilização de cartazes com letras e números espalhados pela sala, incentivando a memória visual da criança. Outra alternativa é o uso de jogos, visto que, segundo Fernández (1991, p. 165), não pode haver construção do saber, se não se joga com o conhecimento, considerando o jogo, não um ato, nem um produto, mas um processo.

Dentro da problemática discalculica, a criança pode apresentar dificuldade frequente com os números confundindo as operações adição, subtração, multiplicação, divisão; problemas de diferenciar entre direito e esquerdo; inabilidade de dizer qual de dois números é maior; dificuldade em tarefas que requerem sequenciação numérica; dificuldade de manter a contagem durante as atividades. Além de confusão quanto à noção de tempo; fraca capacidade para contar; dificuldade em reconhecer números e símbolos matemáticos; dificuldade em memorizar fatos matemáticos; falta de senso de direção, dificuldades de orientação espacial, dificuldades com princípios de medida, dificuldades em armazenar informações, dificuldades em relacionar grafemas matemáticos a suas respectivas quantidades e símbolos auditivos.

3 METODOLOGIA

Importa considerar que o procedimento metodológico adotado nesta pesquisa qualitativa descritiva³ é a revisão bibliográfica, por meio do retorno às fontes de investigação, a partir

³ De acordo com Martins (2010, p. 53), a descrição constitui grande importância no desenvolvimento da pesquisa qualitativa, em que todos os dados da realidade são considerados importantes e, em razão disso, o pesquisador deve atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação investigada.

da leitura de livros, artigos e teses relacionadas com ao tema das dificuldades específicas de aprendizagem. Na busca por compreender esses textos, procedeu-se à análise dos seus recursos discursivos, levando em consideração o contexto social em que foram produzidos. Nessa direção, a concepção teórico-metodológica que embasa o estudo sobre as questões afetas às possíveis formas de intervenção nas dificuldades específicas de aprendizagem, pode ser encontrada em autores como FERNÁNDEZ (1991, 2001, 2012); CARRAHER (2002); SOARES (2001); FERREIRO (2001); BEE (2011); PAÍN (1992); e CORREIA (2008), entre outros pesquisadores dessa temática. Ficando patente que para favorecer a aprendizagem de alunos com dificuldades de aprendizado, a adoção de estratégias pedagógicas intencionais e bem embasadas é crucial.

Por não se ter a pretensão, com esse estudo, em esgotar as possibilidades de discussão sobre o assunto, materiais mais apropriados foram elegidos e levantados aspectos considerados relevantes acerca das fontes concernentes às dificuldades específicas de aprendizagem escolar de crianças. Nesse horizonte, o enfoque que se descortinou foi a abordagem analítica, buscando-se inter-relacionar esse material bibliográfico selecionado pela linha de investigação teórica dos respectivos autores. Sob tal perspectiva qualitativa⁴, o presente estudo pode fornecer uma base para desenvolver explicações sobre intervenções mais inclusivas no processo educativo. Cabe ressaltar que essa pesquisa abordou fontes, as quais envolvem generalizações, análises, sínteses, interpretações e avaliações da informação original, o que possibilitou chegar a resultados e conclusões que poderão servir para pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa considerar que se buscou delinear nessa pesquisa a possibilidade de o professor adotar práticas mais inclusivas, podendo interferir em habilidades e no rendimento dos alunos, os quais enfrentam entraves ou obstáculos no contexto escolar. Nessa ótica, à luz da base analítica prescrita no estudo, ficou patente que durante todo o percurso escolar é possível identificar e intervir sobre as dificuldades de aprendizagem específicas dos alunos. Daí a importância de se oportunizar um espaço rico e diversificado de

⁴ Na abordagem qualitativa, a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, de modo que o interesse do pesquisador é verificar como um determinado problema se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. Assim, buscou-se retratar sistematicamente a complexidade das questões imanentes às dificuldades de aprendizagem no cotidiano escolar (LÜDCKE, 1986, p. 12).

estímulos e práticas de leitura, escrita e matemática, desde a pré-escola, observando os procedimentos da criança durante as atividades propostas, visto que as dificuldades de aprendizagem se referem a um conjunto de problemas que podem afetar alguma área do desempenho acadêmico.

Urge salientar que é importante propor atividades pedagógicas desde o início da escolarização formal, pois essas práticas intencionais podem trazer um sem-número de benefícios às crianças, se planejadas, fundamentadas e desenvolvidas por meio de uma abordagem que privilegie o lúdico, rompendo com as concepções tradicionais de escolarização que privilegiam os conteúdos e a memorização, auxiliando-as, sendo o mediador no que a criança ainda não sabe fazer sozinha, mas que será capaz de realizar por conta própria. A título de esclarecimento, quanto mais lúdico for o espaço proporcionado à criança, com o fito de construir conhecimentos de leitura, escrita e matemática, mais contribuirá para que seja uma criança criativa, autônoma e afetiva, o que significa utilizar brincadeiras, jogos e música para facilitar a compreensão e a participação, dentre outras ações possíveis.

Em síntese, vale sublinhar que neste estudo foi possível refletir sobre os desafios e possibilidades da atuação docente ao atuar numa perspectiva inclusiva com crianças que apresentam dificuldades específicas de aprendizagem. Não categorizando a criança que enfrenta dificuldade como “anormal”, sem afastar as crianças da escola, por considerá-las “fortes” ou “fracas”. Sem perder de vista que o acesso à educação e o direito à aprendizagem são garantias constitucionais para todos como dever do Estado. De modo que os resultados obtidos podem ser usados para desenvolver uma teoria, tendo em vista que a aprendizagem é possivelmente um importante processo por que passam todos os seres humanos, de sorte que o ato de aprender relaciona-se ao desenvolvimento social e cultural da humanidade e é algo complexo.

REFERÊNCIAS

- AINSCOW, M. **Necesidades especiales en el aula**. Guía para la formación del profesorado. Paris: UNESCO; Madrid: NARCEA, 1995.
- ANTUNES, Celso. **Como desenvolver conteúdos explorando as inteligências múltiplas**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BARBEIRO, L. **Aprendizagem da ortografia**. Porto: Edições Asa, 2007.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 568 p.
- CARRAHER, Terezinha Nunes. **Aprender pensando: contribuições da psicologia cognitiva para a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
-

- CORREIA, Luis M. **Dificuldades de aprendizagem específicas**: contributos para uma definição portuguesa. Porto: Porto Editora, 2008.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A atenção aprisionada**: psicopedagogia da capacidade atencional. Porto Alegre: Penso, 2012. 235 p.
- _____. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 1991. 261 p.
- _____. **Os idiomas do aprendente**: análise de modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- _____. **O ato de ler evolui**: depoimento. Entrevistadora Denise Pellegrini. In: Nova Escola: o site do professor. São Paulo, n° 143, jun. 2001. [Online]. Disponível em: <<http://novaescola.abril.com.br>>. Acesso em: 22 de mai. 2025.
- KAMII, Constance. **A criança e o número**. 30. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- LÜDCKE, Menga. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, Joel. **A pesquisa qualitativa**. In: FAZENDA, Ivani (org.). Metodologia da pesquisa educacional. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MORAES, A. C. **Atividades lúdicas na escola de crianças e adultos**. Tese/CFCH /UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.
- MOYSÉS, Lúcia. **O desafio de saber ensinar**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- PAÍN, Sara. **Diagnósticos e tratamentos dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ROCHA, A. B. O. **O papel do professor na educação inclusiva**. Ensaio Pedagógico, v.7, n.2, Jul/Dez, 2017. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n14/n14-artigo-1-O-PAPEL-DO-PROFESSOR-NA-EDUCACAO-INCLUSIVA.pdf> Acesso em: 20 mai. 2025.
- SAMPAIO, S. **Dificuldades de aprendizagem**: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola. Simaia Sampaio. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.
- SANCHÉZ-CANO, M.; BONALS, J. (org.) **Avaliação psicopedagógica**. Reimp. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um Tema em três gêneros. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 128p.
- TIRIBA, Léa. **Educar e Cuidar**: buscando a teoria para compreender discursos e práticas. In: KRAMER, Sônia (org.). Profissionais de educação infantil e(m) Formação. São Paulo, editora: Ática, 2005.
- TORRES R.; FERNÁNDEZ P. **Dislexia, disortografia e disgrafia**. Portugal. McGraw- Hill, 2002.
- VALLE, Luiza Elena Leite Ribeiro do. **Brincar de aprender**: uni-duni-tê: o escolhido foi você! Rio de Janeiro: Wark Editora, 2008.
- ZORZI, J. L. **Guia prático para ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem**: dislexias e outros distúrbios. Pinhais: Melo; 2008.
-